

A ARTILHARIA DE APOIO NUMA DIVISÃO BLINDADA

Tradução do "The Field Artillery Journal"
Resumo de um artigo do Maj. EDWARD H. METZGER

Pelo Cap. ANTÔNIO H. A. DE MORAES

Esse delicado problema tem sido objeto de muitas discussões entre os artilheiros, sobretudo entre aqueles que se esmeravam na execução do tiro com dados topográficos precisos e dispondo de todos os elementos meteorológicos.

A guerra atual nos tem dado indicações preciosas nesse sentido.

ORGANIZAÇÃO

A artilharia das nossas divisões blindadas compreende:

- 1 Regimento de 4 baterias de 6 peças de 105 C.
- 1 Grupo de 3 baterias de 105 C. e 1 bateria de 8 peças de 75, para a defesa anti-tank.

O Regimento faz parte da Brigada blindada que por sua vez tem ainda:

- 2 Regimentos de tanks leves.
- 1 Regimento de tanks médios.

Esse conjunto tem a denominação de escalão de "choque".

Desde o começo foi reconhecida a necessidade de ter a organização de Grupos nesse escalão e por isso as 1.^a e 2.^a Divisões blindadas dividiram o Reg. em 2 Grupos, a título de experiência em seus exercícios táticos.

O Grupo com a bateria anti-tank, faz parte do escalão de "apoio". Ele opera com o R. I. transportado, formando um conjugado (combat team).

A bia. anti-tank é empregada normalmente para a proteção dos escalões de apoio e serviços.

O oficial de artilharia da Divisão (Coronel) não tem a função de comando, mas tem uma pequena secção anexa ao E. M. da Divisão.

Em operações com outras Divisões, ficou patente a necessidade de controle e coordenação dessa artilharia.

A opinião geral é que a existência de 3 a 4 Grupos de 105 e de 1 Grupo anti-tank constituem um mínimo. Outros ainda ajuntam que o Grupo anti-tank deve ter também a finalidade anti-aérea.

As opiniões se dividem quando se encara a existência de 3 Grupos separados ou constituindo um Regimento sob as ordens diretas do Cmt. da A. D..

As vantagens da organização de 3 Grupos independentes sobre a organização regimental parecem incontestes. Isto é, devemos sempre acompanhar a organização das D. I. ternárias.

De qualquer modo, o E. M. da artilharia, na D. I. ou no Reg. deve ser pequeno. Os Grupos teriam organização semelhante à das D. I., isto é, 3 baterias de 4 canhões de 105 C., 1 bateria de serviços e 1 bateria de remuniamento. Reconhecendo que somente pela prática qualquer organização pode ser consagrada, o Cmt. da 2.^a Divisão blindada organizou a artilharia da sua Divisão (sómente para emprego tático) em 4 Grupos sob o comando do oficial de artilharia da Divisão.

Essa organização provisória estava realizada em Abril e foi experimentada durante as manobras de verão do II Ex.

O Regimento de artilharia funcionava com 2 Grupos e o E. M. do mesmo só intervinha nas questões administrativas.

O Grupo de artilharia do escalão de apoio continuava com as suas 3 baterias. A bateria anti-tank com alguns elementos do pessoal de comando do Grupo, ficou constituindo

um Grupo de 2 baterias de 4 canhões de 75 para ser empregado contra tanks.

O Cmt. da artilharia era capaz de controlar e coordenar toda a artilharia com o auxilio de um pequeno grupo de comando constituído de 3 oficiais e 20 praças. Um oficial de ligação com o respectivo destacamento ficava sempre com o Cmt. da Brigada de tanks (escalão de choque) como representante do Cmt. da artilharia e poderia pedir directamente o apoio dos diferentes Grupos.

Quando o R. I. transportado fosse apoiado por 2 ou mais Grupos, o oficial de ligação era destacado junto do seu Cmt.

O oficial de reconhecimento operava com o Cmt. do Batalhão de Reconhecimento da Divisão. Sua missão era informar o Cmt. da A. D. e os Cmts. de Grupos sobre a evolução da situação.

O reconhecimento e escolha de posição de bateria não era feito por esse oficial e sim pelos Cmts. de Grupo e baterias, pessoalmente ou por elementos para isso destacados.

Como ficou dito, o E. M. da A. D. teria uma organização reduzida e teria grande mobilidade.

Comparando a sua organização com a da D. I. ternária, vemos que foram suprimidas as secções topográfica, telefónica e meteorológica, por serem desnecessárias.

EMPREGO TÁTICO

A Divisão Blindada opera geralmente em 2 ou 4 grupos de forças.

Esses destacamentos são constituídos de acordo com a situação. O elemento normal de apoio a cada destacamento é o Grupo. Nas marchas antes do contacto, todas as bias. do Grupo marcham na testa da coluna com uma bateria bem avançada na vanguarda.

O principio geral é de que a artilharia deve estar sempre para a frente. Quando o contacto está iminente ou quando o apoio da artilharia for pedido, o Cmt. do Grupo coloca uma

ou mais bias. em posição e com movimento continua, ele desloca as bias. do seu Grupo por lances e escalões, sempre com o máximo de seus canhões ou em posição bem avançada. Isso pode violar o princípio de que os canhões sobre a estrada não podem atirar, mas a artilharia que apoia um ataque de tanks, vê que o limite de seu alcance cêdo será ultrapassado e as dificuldades de transmissões e de controle aumentam a cada passo.

Deve-se ainda levar em conta que durante o tempo em que os tanks estão se deslocando há pouca necessidade de artilharia, mas quando eles são detidos, a artilharia deve estar em posição bem na frente.

Algumas vezes o grupamento de forças dê que faz parte o Grupo de artilharia, tem necessidade de ser dividido e alguns de seus comandantes dividem a artilharia em baterias e secções. Embora esse emprego seja imposto em face de situações especiais, na generalidade dos casos ele deve ser evitado. O seguinte parágrafo de um relatório de um Cmt. de Divisão esclarecerá o caso: Nem todos os Cmts. de coluna compreendem perfeitamente o emprego do Grupo de apoio.

“Casos há em que Cmts. de colunas dividem baterias para empregar seus canhões como simples elementos anti-tanks e em outros dividem o Grupo em baterias isoladas. Embora, algumas vezes tal emprego da artilharia se imponha, é geralmente erroneo e disso resultará a falta de um apoio eficiente quando a situação o exigir.

“Deverá ser esclarecido aos Cmts. de colunas que os Grupos de artilharia fazem parte das mesmas como elemento de apoio, unicamente. Os detalhes do apoio ficarão sob a alçada do Cmt. do Grupo”.

Às vezes baterias de um certo Grupo podem estar vários quilômetros afastadas. Isso é admissível para operação de algum grupamento de combate para o qual o Grupo foi designado para apciar e nesse caso ele deverá ficar tão largamente desdobrado que permita o mutuo apoio entre suas baterias.

Defendo a idéia do controle de apoio da artilharia ser feito pelo Grupo para não dar a falsa impressão de que as baterias do Grupo se deslocam em escalão de uma area geral do Grupo para outra, mas antes que as posições de bateria srão escalonadas em consideravel profundidade e em outros casos dispersas em largura.

Os deslocamentos são controlados normalmente pelo Cmt. do Grupo, que vive a situação atravez das informações prestadas pelo oficial de ligação junto ao elemento apoiado e tambem pelos seus reconhecimentos pssoais.

E normalmente não se detem em seu P.C. mas se comunica com as suas baterias pelo rádio do seu carro de comando. Os Cmts. de bateria terão autorização para o deslocamento de suas baterias, quando isso se tornar necessário.

FOGOS DE APOIO

Há uma crença geral de que os fogos de apoio da artilharia de uma Divisão blindada se revestirão da forma de tiros diretos.

Essa concepção é errônea, excéto quando a posição da bateria for atacada pelo inimigo.

Os fogos de artilharia são desencadeados com o auxilio de um regular número de oficiais de reconhecimento é observadores avançados em tanks ou em carros blindados, utilizando o rádio como meio de transmissão. Durante o ataque os objetivos são designados às baterias ou à central de tiros com rapidês.

O método normal de observação é o do observador avançado.

Os elementos iniciais podem ser determinados com o auxilio da carta empregando, para isso, os processos conhecidos.

O método normal de observação é o do observador avançado. Os elementos iniciais podem ser determinados com o auxilio da carta empregando, para isso, os processos conhecidos.

Quando, porém não houver cartas, o observador avançado do local aonde se achar, solta um artifício pirotécnico que ascende a uma altura fixa. A bateria determina, então, os elementos de direção e de alcance com o auxílio do goniometro ou do telemetro.



Canhão de 75 mm tipo M2 usado provisoriamente nas Divisões Blindadas

TRANSMISSÕES

O principal meio de transmissão é o radio suplementado pelo motocicleta. Se a situação permite são estendidas linhas telefônicas. O radio do Cmt. da A. D. trabalha na rede do Cmt. da Divisão. A rede do Cmt. da A. D. compreende:

- 4 Grupos
- oficial de ligação junto à Bda.
- oficial de reconhecimento da A. D.

A rede do Cmt. do Grupo compreende:

- bias. de tiro
- C. L. M.
- oficial de ligação do Grupo.

A rede de tiro compreende:

- central de tiro
- bias. de tiro
- observadores do Grupo e bias.
- oficiais de reconhecimento das bias. e do Grupo.

Há vários sistemas de redes de tiro, mas cada Grupo tem no mínimo três dessas redes.

Além disso, cada Grupo tem uma rede com a aviação.

OBSERVAÇÃO AEREA

E' essencial o funcionamento pelo menos de um observador aéreo com cada Grupo. O uso de aviões civís capazes de



Carro blindado de reconhecimento para qualquer arma em uso nas unidades das Divisões blindadas.

descer em pequenos campos parece responder às necessidades dos artilheiros.

Nesse sentido novas experiências serão conduzidas nas próximas manobras.

CONCLUSÃO

O apoio da artilharia pode ser dado às Divisões blindadas com agressivos Cmts. de Grupo, pela posição avançada dos seus canhões e mantendo sempre os seus observadores (do Grupo e Bia.) com os elementos mais avançados e ainda pelo funcionamento contínuo de um seguro sistema de transmissões rádio.

Na batalha, as perdas da artilharia blindada serão maiores que as das unidades menos móveis. Mas a artilharia blindada trabalha com veículos blindados e é equipada com um poderoso armamento.

